

EDITORIA CAMINHO ANTIGO

A GUERRA JÁ FOI VENCIDA

*A vitória de Cristo e a identidade do
soldado cristão*

Glalter Rocha



Série Ele Venceu, Volume I

☞ SOLI DEO GLORIA ☞

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO

Antes de Entrar no Campo de Batalha

CAPÍTULO I

O Triunfo de Cristo sobre Satanás

CAPÍTULO II

A Guerra que Não Acabou com a Vitória

CAPÍTULO III

O Cristão como Soldado de um Rei Vitorioso

CAPÍTULO IV

A Guerra Já Foi Vencida

CONCLUSÃO

O Soldado que Sabe em Quem Confia

INTRODUÇÃO

Antes de Entrar no Campo de Batalha



Há um tipo de cristão que luta toda a vida sem saber que a guerra já foi vencida. Acorda com medo. Dorme com ansiedade. Ora com desespero, não com confiança. Vive como alguém que não sabe se vai vencer.

E há outro tipo que vive em indiferença tranquila, como se batalha espiritual fosse coisa de fanático, como se a vida cristã pudesse ser vivida sem vigilância, sem oração, sem armadura.

Ambos estão errados. E ambos estão em perigo real.

Este livro foi escrito para os dois. O fundamento é este: Jesus Cristo já venceu. A cruz foi o campo de batalha decisivo. A ressurreição foi a declaração pública da vitória. E agora lutamos a partir de uma posição de triunfo, não de desespero. Isso muda tudo: a forma como você enfrenta a tentação, como responde à acusação, como se levanta depois de cair.

Para escrever estas páginas, bebi de fontes que poucos cristãos modernos conhecem bem: Isaac Ambrose, William Perkins,

Thomas Brooks, William Spurstowe, Benjamin Keach, pastores e teólogos do século XVII que conheciam a batalha espiritual não como teoria, mas como experiência pastoral cotidiana. Mas a fonte principal é a Escritura, à qual este livro sempre retorna.

Você está em guerra. Não metaforicamente. Em guerra real, contra um inimigo real, que quer sua destruição real. Mas o Capitão do seu lado já venceu esse inimigo. E nenhum de seus verdadeiros soldados jamais foi abandonado para perecer no campo de batalha.

Leia com atenção. Leia com oração. E que o Espírito Santo abra seus olhos para ver o que o servo de Eliseu viu: mais são os que estão conosco do que os que estão contra nós.

Glalter Rocha

Vila Velha, Espírito Santo, 2026

O Triunfo de Cristo sobre Satanás

"P ara isso se manifestou o Filho de Deus: para desfazer as obras do diabo."

1 João 3.8



Em 1945, um soldado japonês chamado Hiroo Onoda continuava lutando na selva das Filipinas. Ele não sabia que a guerra havia acabado. Por quase trinta anos, Onoda viveu escondido, atacando moradores, sabotando plantações, convicto de que o conflito ainda estava em andamento. Quando finalmente o encontraram e lhe mostraram os jornais, quando seu antigo comandante viajou até a ilha para dar-lhe a ordem oficial de rendição, o soldado entregou as armas em silêncio. A guerra estava acabada havia décadas. Ele é que não sabia.

Agora imagine o inverso. Imagine que você é um soldado que acabou de descobrir algo extraordinário: a guerra foi vencida. O inimigo assinou a rendição incondicional. A vitória é definitiva, irreversível, consumada. Mas ainda existem focos de resistência

espalhados pelo território. Soldados inimigos que se recusam a depor as armas. Francotiradores escondidos. Minas terrestres. O perigo ainda é real. Mas a natureza do perigo mudou completamente. Você não está lutando para ver se vai vencer. Você está lutando porque já venceu.

Essa é a situação exata de todo cristão na batalha espiritual.

Jesus Cristo já venceu Satanás. A vitória não é uma esperança distante, uma promessa condicional, um talvez. É um fato consumado. A cruz foi o campo de batalha. A ressurreição foi a declaração oficial de vitória. Como escreveu William Perkins no século XVI:

temos a nosso lado um Capitão que, em sua mais profunda humilhação, despojou nosso mais poderoso adversário, e agora está coroado de glória e honra.¹

Ou nas palavras ainda mais diretas de Isaac Ambrose: você não tem inimigo, dificuldade ou perigo a enfrentar que não tenha sido já conquistado e subjugado por você, pelo grande Capitão de sua salvação.²

Essa verdade muda tudo. Ela transforma o medo em coragem, o desespero em esperança, e a tentação em oportunidade de ver a graça de Deus em ação.

A promessa no Éden: a cabeça esmagada

Tudo começou num jardim. E tudo começou com uma promessa.

Quando Adão e Eva caíram em pecado, enganados pela serpente, a primeira resposta de Deus não foi uma condenação final, mas uma promessa de redenção. Ali, em Gênesis 3.15, no meio do pronunciamento de juízo sobre a serpente, Deus plantou a semente de toda esperança humana: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar."

Os teólogos chamam esse versículo de *protoevangelium*, a primeira pregação do evangelho. É a primeira vez na história em que Deus anuncia que enviará alguém para esmagar a cabeça da serpente. Perceba: Deus não disse isso para Adão e Eva. Ele disse para a serpente. Era uma sentença, um decreto judicial contra o diabo. Como se Deus dissesse: você pode ter enganado o homem, mas eu já decretei a sua destruição.

Note a linguagem: "Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar." A serpente feriria o calcanhar do descendente da mulher. É uma ferida dolorosa, mas não fatal. Já o descendente da mulher feriria a cabeça da serpente. Esse é o golpe decisivo. É a diferença entre levar um arranhão e ter o crânio esmagado. Desde o Éden, o resultado final da guerra já estava decidido.

E assim a história da Bíblia inteira se tornou a história de uma promessa caminhando em direção ao seu cumprimento. De Gênesis a Malaquias, o Antigo Testamento é a longa jornada da semente prometida, passando por Abraão, Judá, Davi, até chegar a um estábulo em Belém, onde nasceu aquele que esmagaria a cabeça da serpente de uma vez por todas.

O deserto: Cristo vence onde Adão caiu

Mas antes da cruz, houve o deserto. E o deserto é uma das cenas mais extraordinárias de toda a Bíblia.

Pense no contraste. Adão estava no Éden, o lugar mais bonito e abundante que já existiu. Tinha tudo: comida, companhia, comunhão com Deus, uma única proibição. E caiu. Cristo estava no deserto, o lugar mais árido e desolado. Não tinha nada: quarenta dias sem comida, sozinho, cercado por animais selvagens. E venceu.

*quanto a Cristo Jesus, vós o vereis jejuando, lutando, conquistando. Jejuando e faminto, para mostrar que era homem; lutando e combatendo, para mostrar que era o Messias; e conquistando e triunfando, para mostrar que era Deus.*³

O diabo veio com três tentações, cada uma cuidadosamente planejada. "Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães" (Mateus 4.3): era uma tentação à desconfiança, usar o poder divino para satisfazer uma necessidade legítima fora do tempo de Deus. "Se tu és o Filho de Deus, atira-te abaixo" (Mateus 4.6): era a tentação à presunção, forçar Deus a agir. Mostrando-lhe todos os reinos do mundo: "Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares" (Mateus 4.9): era a tentação final, trocar a adoração ao Pai por um atalho para a glória.

E como Cristo respondeu? Com a Palavra. "Está escrito." "Está escrito." "Está escrito." Três vezes o diabo atacou. Três vezes Cristo empunhou a espada do Espírito. Nenhuma revelação nova, nenhum poder miraculoso, nenhuma demonstração sobrenatural. Apenas a Palavra de Deus, aplicada com precisão, autoridade e obediência.

Perkins observa algo profundo: Cristo não foi ao deserto por acaso, mas "foi conduzido pelo Espírito" para ser tentado. E que

as tentações não vêm por acaso, nem apenas pela vontade e prazer do diabo, pois ele não pôde tocar em Jó, nem em nada que possuía, até que Deus lhe deu permissão.⁴ Isso significa que até mesmo a tentação está sob o governo soberano de Deus. E se Deus a permite, é porque já providenciou o meio para vencê-la.

E aqui está o ponto que não podemos perder: Cristo não venceu no deserto como Deus. Ele venceu como homem. Ele usou as mesmas armas que estão disponíveis para você e para mim: a Palavra de Deus, a oração, a dependência do Espírito. Ele venceu como o segundo Adão, representando a humanidade redimida, mostrando que é possível resistir ao diabo e vê-lo fugir.

A cruz: despojando principados e potestades

Se o deserto foi uma batalha, a cruz foi a guerra inteira.

É fácil olhar para o Calvário e ver apenas sofrimento. E de fato, o sofrimento ali foi real, profundo, inimaginável. Mas as Escrituras nos convidam a ver algo que olhos humanos não poderiam enxergar naquele momento: um tribunal cósmico onde Satanás perdeu a causa para sempre.

Paulo descreve essa cena em Colossenses 2.15: "Despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz." A palavra "despojando" é um termo

militar. Era o que um general vitorioso fazia com o inimigo derrotado: arrancava suas armas, sua armadura, seus emblemas de autoridade, e os exibia publicamente no desfile de triunfo. Era a humilhação completa do vencido.

Pense na cruz como um tribunal. Satanás chegou como o grande acusador. Ele tinha uma acusação legítima contra toda a humanidade: todos pecaram. A lei de Deus era clara: "a alma que pecar, essa morrerá" (Ezequiel 18.4). E Satanás, como promotor implacável, apresentou as provas. Mas então aconteceu algo que ele não esperava. Cristo se colocou no banco dos réus. Não porque fosse culpado, mas porque tomou sobre si a nossa culpa. E quando a sentença caiu sobre Cristo na cruz, quando ele pagou integralmente o preço do nosso pecado, a acusação contra nós foi anulada. O promotor perdeu o caso. Não porque as provas fossem falsas, mas porque a dívida foi paga por outro.

Isaac Ambrose descreve o resultado: Cristo é o Capitão que se comprometeu a subjugar Satanás e todos os seus exércitos, em breve, debaixo dos vossos pés.⁵ E então acrescenta uma das frases mais consoladoras de toda a literatura puritana: nenhum de seus verdadeiros soldados jamais foi abandonado para perecer no campo de batalha.⁶ Nenhum. Jamais. Isso inclui você.

Quando Jesus disse *Tetelestai*, "Está consumado" (João 19.30), ele usou uma palavra que no mundo comercial do primeiro século significava "pago integralmente". Era a palavra que se escrevia nos recibos quando uma dívida era quitada. Jesus não

disse "está quase pronto". Disse: "está consumado", a dívida está paga, a obra está completa, a vitória está garantida.

A ressurreição: a morte da morte

Mas a história não termina na sexta-feira. Se terminasse ali, não teríamos certeza de nada. Foi no domingo que Deus declarou publicamente o veredito.

A ressurreição de Cristo é a prova irrefutável de que a cruz funcionou. Se Jesus tivesse ficado no túmulo, significaria que a morte o segurou, que o pecado não foi realmente vencido, que Satanás ainda tinha poder. Mas o túmulo vazio grita uma verdade que ecoa pela eternidade: a morte morreu quando Cristo ressuscitou.

Hebreus 2.14–15 explica isso com clareza impressionante: "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida."

Cristo se fez homem para poder morrer. Morreu para destruir aquele que tinha o poder da morte. Destruiu o poder da morte para libertar os que viviam escravizados pelo medo dela. É como se Cristo tivesse entrado na fortaleza do inimigo, enfrentado o chefe, tomado suas chaves, e aberto todas as celas.

Martinho Lutero entendeu isso tão profundamente que, quando o diabo o atormentava com acusações, teria respondido: "Eu sou batizado!" Para Lutero, isso não era superstição. Era teologia. Era dizer: eu pertenço a Cristo, aquele que te derrotou. Tu não tens poder sobre mim.

A ferida que a vitória não elimina, e o que ela revela

Mas aqui precisamos parar e ser honestos sobre algo que o entusiasmo pela vitória muitas vezes encobre.

Se Cristo já venceu, por que você ainda cai? Por que ainda há tentações que parecem intransponíveis? Por que há pecados que você carrega há anos, mesmo conhecendo o evangelho, mesmo frequentando a igreja, mesmo sabendo de cor os versículos sobre a vitória?

A resposta é desconfortável: porque a vitória de Cristo não é automaticamente sua. Ela precisa ser recebida, unida a você pela fé, vivida no cotidiano da dependência. E aqui está a verdade que muitos cristãos nunca enfrentaram com honestidade: é possível conhecer a doutrina da vitória de Cristo e continuar vivendo como escravo derrotado. É possível cantar sobre o sangue de Jesus no domingo e capitular diante da mesma tentação na segunda-feira. É possível pregar sobre Colossenses 2.15 e viver como se o diabo ainda tivesse o trono.

Por quê? Porque saber que Cristo venceu não é o mesmo que estar unido a Cristo vencedor.

George Whitefield, que pregou para multidões de dezenas de milhares na Inglaterra e América no século XVIII, escreveu com uma honestidade que poucas pessoas ousam expressar. Numa carta a um amigo enquanto se recuperava de uma febre grave, ele confessou:

tive muitos conflitos violentos com os poderes das trevas, que fizeram tudo que podiam para me perturbar e distrair; mas Jesus Cristo orou por mim: e embora eu tenha sido reduzido ao último extremo, e toda assistência sobrenatural parecesse suspensa por um momento, e Satanás como que tivesse domínio sobre mim, ainda assim Deus não permitiu que minha fé falhasse; mas veio em meu auxílio, repreendeu o tentador, e a partir daquele momento fui melhorando.⁷

Perceba: Whitefield não negou o conflito. Não fingiu que a vitória de Cristo o tornara imune ao ataque. Mas também não cedeu. Porque sabia em quem confiava. Sabia que a vitória não dependia da sua força, mas da intercessão do seu Capitão.

Essa é a diferença entre quem conhece a doutrina e quem está unido ao Doutor. A vitória de Cristo é sua, mas ela precisa ser sua por fé, dia após dia, batalha após batalha.

Lutamos a partir da vitória, não por ela

Aqui está o ponto que muda tudo na maneira como entendemos a batalha espiritual: nós não lutamos para alcançar a vitória. Nós lutamos a partir da vitória já conquistada por Cristo.

Os historiadores costumam dizer que o Dia D, 6 de junho de 1944, foi o ponto de virada da Segunda Guerra Mundial. A partir daquele momento, o resultado estava decidido. Mas a guerra não acabou ali. Levou quase mais um ano de combates duríssimos. Soldados continuaram morrendo. O perigo era real. Mas a natureza da luta havia mudado: os aliados lutavam a partir da vitória, avançando em direção à consumação do que já estava garantido.

A cruz de Cristo é o nosso Dia D. Satanás foi decisivamente derrotado. Mas o Dia da Vitória final, quando Cristo voltará e lançará o diabo no lago de fogo para sempre (Apocalipse 20.10), ainda está no futuro. Nós vivemos entre o Dia D e o Dia V. A vitória é certa. Mas a luta continua.

a vida de Cristo foi uma guerra sobre a terra, e a vida dos cristãos deve ser uma guerra sobre a terra. Vivemos aqui num mar de tribulações; o mar é o mundo, as ondas são as calamidades, a Igreja é o navio, a âncora é a esperança, as velas são o amor, os santos são os passageiros, o porto é o céu, e Cristo é o nosso Piloto.⁸

Estamos num navio que será sacudido pelas ondas. Mas temos uma âncora firme, temos velas que nos impulsionam, e temos um Piloto que já fez essa travessia e chegou ao porto.

PARA QUEM ESTE CAPÍTULO ESTÁ FALANDO

Se você é cristão há anos, mas vive derrotado, a vitória de Cristo não é uma teoria. É uma realidade disponível a você agora. O problema não é que Cristo não venceu. O problema pode ser que você ainda não aprendeu a lutar a partir da vitória. Continue lendo.

Se você vive ignorando a batalha espiritual, o diabo agradece quando você o ignora. A negligência não é neutralidade. É rendição sem luta. Você está em guerra, queira ou não. A questão é se você está armado.

Se você está cansado de cair no mesmo pecado, Cristo não se cansou de levantar pecadores arrependidos. Mas é preciso que você venha a ele como é, não depois de "melhorar primeiro". Você não precisa vencer antes de vir a Cristo. Você precisa vir a Cristo para começar a vencer.

Se você ainda não conhece a Cristo, então a vitória dele não é sua ainda. E enquanto isso,

*you are on the side of the enemy who has already been
condemned. But the door is still open. And
Christ is still calling.*

✠ *Soli Deo Gloria* ✠

NOTAS

1. PERKINS, William. *The Combat Between Christ and the Devil Displayed*. London: Melchizedek Bradwood, 1606, p. 9.
2. AMBROSE, Isaac. *The Christian Warrior*. London: R. B. Seeley and W. Burnside, 1837, p. 6.
3. PERKINS, 1606, p. 12.
4. PERKINS, 1606, p. 27.
5. AMBROSE, 1837, p. 6.
6. AMBROSE, 1837, p. 6.
7. WHITEFIELD, George. *The Works of George Whitefield*, Vol. 1. London: Edward and Charles Dilly, 1771, p. 41.
8. PERKINS, 1606, p. 13.

CAPÍTULO II

A Guerra que Não Acabou com a Vitória

"S atanás vos pediu para vos peneirar como o trigo; eu, porém, roguei por ti para que a tua fé não desfaleça."

Lucas 22.31–32



Há uma pergunta que o Capítulo I inevitavelmente provoca, e seria desonesto não respondê-la.

Se Cristo já venceu, se a sentença foi pronunciada, a dívida paga, o inimigo despojado, por que a luta ainda existe? Por que Pedro ainda cai? Por que Paulo ainda implora que um espinho seja removido? Por que a Igreja ao longo dos séculos não viveu num contínuo de triunfo descomplicado, mas numa alternância de vitórias e feridas, de avanços e recuos, de momentos de glória e noites de agonia?

A resposta não diminui a vitória. Ela a explica.

O intervalo entre duas datas

Em 6 de junho de 1944, os aliados desembarcaram na Normandia. Os historiadores são quase unânimes: aquele foi o ponto de virada decisivo da Segunda Guerra Mundial. A partir daquele dia, o resultado estava essencialmente determinado. A Alemanha não tinha mais como ganhar.

Mas o armistício só foi assinado em maio de 1945. Onze meses depois. Nesse intervalo, a guerra não parou. Soldados continuaram morrendo. Cidades foram destruídas. O perigo era absolutamente real. A diferença não era que o perigo havia desaparecido: era que a natureza daquele perigo havia mudado para sempre. Os aliados já não lutavam para vencer. Lutavam a partir de uma vitória que já estava garantida.

Nós vivemos nesse intervalo.

A cruz de Cristo foi o nosso Dia D. Ali o inimigo foi despojado de sua autoridade fundamental. A ressurreição foi a declaração pública do veredito. Mas o Dia V, quando Cristo voltará, lançará o adversário no lago de fogo para sempre e estabelecerá o Reino em sua plenitude, ainda está no futuro. Entre esses dois pontos, nós existimos. E nesse espaço, a guerra continua. Não porque Cristo não venceu o suficiente. Mas porque a consumação do que Ele conquistou ainda não foi completamente manifestada.

William Perkins descreveu nossa condição com precisão que poucas frases conseguem alcançar:

a vida de Cristo foi uma guerra sobre a terra, e a vida dos cristãos deve ser uma guerra sobre a terra. Vivemos aqui num mar de tribulações; o mar é o mundo, as ondas são as calamidades, a Igreja é o navio, a âncora é a esperança, as velas são o amor, os santos são os passageiros, o porto é o céu, e Cristo é o nosso Piloto.¹

O navio não está afundando. O Piloto não está dormindo. Mas o mar está agitado, e não estará calmo até que cheguemos ao porto.

Um inimigo de prazo marcado

O que mudou com a cruz não foi apenas a natureza da guerra. Foi o estado interior do inimigo.

Antes da cruz, Satanás operava com a presunção de quem ainda não recebeu a sentença. Depois da cruz, ele opera com a fúria de quem sabe que o prazo está se esgotando. O Apocalipse descreve esse estado de maneira assustadoramente honesta: "Ai da terra e do mar, porque o diabo desceu até vós, cheio de grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta" (Apocalipse 12.12). Repare nas palavras. Não é mais poder que move Satanás nessa fase da

história. É cólera. É o desespero de quem perdeu e sabe que perdeu.

A diferença é enorme. Um general que ancora sua estratégia no poder age de uma forma. Um general que age a partir do desespero age de outra. O inimigo derrotado não está perseguindo uma vitória que acredita ser possível. Está tentando causar o máximo de dano antes que a sentença seja executada.

E isso nos diz algo fundamental sobre a natureza dos ataques que você experimenta: eles são o furor de um condenado, não a ofensiva de quem está ganhando.

O livro de Jó preserva para nós uma das cenas mais reveladoras de toda a Escritura sobre os limites reais desse inimigo. Satanás se apresenta diante de Deus. Pede permissão para provar Jó. E Deus estabelece limites precisos: "Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a tua mão" (Jó 1.12). Depois, quando os limites são ampliados, eles ainda existem: "Eis que ele está em teu poder; poupa-lhe apenas a vida" (Jó 2.6).

Isso não é uma concessão de Deus à força do inimigo. É uma demonstração do controle de Deus sobre o inimigo. Satanás não age dentro dos limites que consegue manter por conta própria. Age dentro dos limites que Deus estabelece. E Deus estabelece esses limites não por fraqueza, mas porque transforma o que o inimigo planejou para destruição em instrumento de propósitos que o inimigo não consegue ver nem imaginar.

O final da história de Jó não é a vitória do inimigo sobre o justo. É a demonstração de que nem mesmo a maior catástrofe que o inimigo pode orquestrar escapa das mãos do Deus que governa todas as coisas.

A intercessão que você não vê

Mas há uma razão ainda mais profunda pela qual o crente pode combater nesse intervalo sem ser destruído. E ela não tem nada a ver com a sua força ou com a sua fé.

Na noite em que Pedro seria tentado além do que qualquer um de seus discípulos havia sido até então, Jesus disse algo que deveria reconfigurar permanentemente a maneira como entendemos a batalha espiritual: "Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos peneirar como o trigo; eu, porém, roguei por ti para que a tua fé não desfaleça" (Lucas 22.31–32).

Pedro não sabia que essa oração estava acontecendo. Não estava presente quando o pedido de Satanás foi feito. Não ouviu a intercessão do Senhor por ele. Não recebeu um aviso antecipado que o preparasse para o que viria. E mesmo assim, a oração de Cristo o sustentou através da queda, do choro amargo e da restauração, porque Cristo havia rogado por ele antes que ele soubesse que precisava dessa oração.

George Whitefield, que conheceu conflitos violentos com os poderes das trevas, escreveu algo que nunca deveria ser

esquecido: *mas Jesus Cristo orou por mim*.² Não foi a sua fé que o sustentou. Foi a intercessão do Capitão que não deixou a sua fé falhar.

Isso significa que a sua posição na batalha não depende primariamente da sua capacidade de resistir. Depende de quem está intercedendo por você agora, neste momento, no trono da graça. Cristo ressurreto vive para sempre interceder pelos seus (Hebreus 7.25). Enquanto Ele intercede, você não está só. Enquanto Ele intercede, a sua fé tem um sustento que vai além de qualquer força que você possa reunir.

Isaac Ambrose afirmou isso de maneira que corta fundo: nenhum de seus verdadeiros soldados jamais foi abandonado para perecer no campo de batalha.³ Nenhum. Jamais.

Isso inclui você.

PARA QUEM ESTE CAPÍTULO ESTÁ FALANDO

Se você tem sentido o peso do intervalo, se a distância entre a vitória proclamada no domingo e a luta vivida na segunda-feira parece grande demais, saiba que esse peso é real, mas não é o sinal de que Deus falhou. É a condição normal de quem vive entre o Dia D e o Dia V.

Se você está surpreso com a intensidade dos ataques depois de uma conversão genuína, de uma entrega renovada, de um avanço no ministério, saiba: enquanto você dormia no pecado, o inimigo não precisava atacar. Você já era dele. É quando você voltou o rosto para o Céu que ele percebeu que perdeu você. E quer você de volta.

Se você está exausto de lutar, lembre-se: a luta não é prova de que Cristo não venceu. É prova de que a vitória dele é tão real que o inimigo está desesperado para impedir que você a viva. A guerra ainda não acabou. Mas o resultado já

está decidido. E o Capitão que garantiu esse resultado está intercedendo por você agora.

✠ *Soli Deo Gloria* ✠

NOTAS

1. PERKINS, William. *The Combat Between Christ and the Devil Displayed*. London: Melchizedek Bradwood, 1606, p. 13.
2. WHITEFIELD, George. *The Works of George Whitefield*, Vol. 1. London: Edward and Charles Dilly, 1771, p. 41.
3. AMBROSE, Isaac. *The Christian Warrior*. London: R. B. Seeley and W. Burnside, 1837, p. 6.

O Cristão como Soldado de um Rei Vitorioso

"Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles."

2 Reis 6.16



O profeta Eliseu estava cercado. O rei da Síria enviara cavalos, carros e um grande exército para prendê-lo. Quando o servo de Eliseu acordou cedo e viu o exército que cercava a cidade, entrou em pânico. "Ai, meu senhor! Que faremos?" (2 Reis 6.15).

A pergunta do servo era a pergunta de quem só consegue ver uma camada da realidade. Era a pergunta nascida do medo, não da fé. Era a pergunta de quem olha apenas para as circunstâncias e conclui que está perdido.

Eliseu não entrou em pânico. Não porque fosse mais corajoso do que o servo, mas porque via mais. "Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles" (2 Reis 6.16). E então Eliseu orou: "Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para

que veja." E Deus abriu os olhos do servo, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo em redor de Eliseu.

O exército celestial sempre esteve ali. Os anjos sempre estiveram presentes. A proteção de Deus nunca foi interrompida. O que mudou não foi a realidade, mas a percepção do servo. Ele finalmente viu o que já era verdade.

É exatamente isso que precisa acontecer conosco. Antes de discutirmos estratégias de batalha, antes de aprendermos a usar a armadura de Deus, precisamos que nossos olhos sejam abertos para a verdade fundamental: estamos numa guerra. E não estamos sozinhos nela.

Alistados para a guerra: todo crente é um combatente

A conversão não é apenas o momento em que você recebe o perdão dos pecados. É também o momento em que você é alistado no exército do Rei.

Isaac Ambrose não poderia ter sido mais direto: todo o povo de Deus, do primeiro ao último, está, e deve estar, engajado nesta guerra espiritual, e pode dizer, nós não guerreamos segundo a carne; as armas da nossa milícia não são carnis, mas poderosas em Deus.¹

"Do primeiro ao último." Não há exceções. Não há uma classe de cristãos que luta e outra que descansa. Todo crente é um soldado. A questão não é se você está na guerra, mas se você sabe que está.

E aqui Ambrose faz uma observação cortante: os ímpios recusam-se a engajar nesta guerra. Em vez de lutar as batalhas do Senhor, pegam em armas do lado do inimigo. Gastam seu tempo em festas e devassidão, em ociosidade e segurança carnal. São completamente ignorantes dos assaltos de Satanás e do seu próprio perigo. Não são soldados do Senhor, mas os festeiros do diabo.²

Quem não luta, quem vive em indiferença espiritual, não está numa posição neutra. Está do outro lado. Não existe neutralidade nesta guerra. Ou você está lutando sob a bandeira de Cristo, ou está, consciente ou inconscientemente, servindo ao inimigo.

William Perkins reforça isso: enquanto os filhos de Israel permaneceram sob a servidão de Faraó, não foram perseguidos pelo seu exército. Mas quando voltaram seus rostos para a liberdade...³ Entende? Enquanto você estava no pecado, dormindo no colo do mundo, o diabo não precisava atacar. Você já era dele. Mas no momento em que se converteu, no momento em que voltou seu rosto para o Céu, a guerra começou. Ele perdeu você. E agora quer você de volta.

Mas ser alistado não é apenas receber uma designação. É receber uma identidade. E é essa identidade, não a força do soldado, nem o tamanho do inimigo, que determina o resultado da batalha. O servo de Eliseu entrou em pânico porque não sabia quem ele era: o assistente do homem que falava com Deus, que vivia sob a proteção do exército celestial. Quando Deus abriu seus olhos, não mudou a realidade. Revelou o que sempre foi verdade. O mesmo precisa acontecer com você.

O que Satanás teme no soldado que conhece sua identidade

Aqui está o segredo que o inimigo não quer que você descubra: ele tem medo de um cristão que sabe quem é.

Não tem medo de quem frequenta a igreja sem viver o evangelho. Não tem medo de quem conhece versículos sem ter oração. Não tem medo de quem fala de batalha espiritual mas nunca vigia o próprio coração. Esses não o ameaçam.

O que o amedronta é o crente que sabe que está unido a Cristo, que luta a partir da vitória consumada, que resiste com a Palavra, que ora com persistência e que pertence ao Rei que o derrotou.

George Whitefield entendeu isso. Depois de ser jogado numa cova de cal por uma multidão furiosa durante uma pregação, ao invés de fugir, orou com os presentes, pregou com o coração

transbordando de amor, e mais tarde escreveu: Satanás não vai deixar de tentar me derrubar. Mas quanto mais ele me manda calar, mais ardentemente proclamarei o que Cristo fez.⁴

Essa é a identidade do soldado do Rei: não um homem sem medo, mas um homem cujo medo foi vencido pela certeza de quem comanda a batalha.

O objetivo: não apenas sobreviver, mas prosperar

Se paramos aqui, ficamos com uma visão incompleta e sombria da vida cristã. O objetivo da guerra espiritual não é apenas sobreviver. Não é apenas aguentar firme até o céu. O objetivo é prosperar. Florescer. Crescer em graça, em amor, em conhecimento de Deus, em frutos do Espírito.

Pense na diferença entre um soldado e um jardineiro. O soldado luta para não morrer. O jardineiro cultiva para ver a vida crescer. O cristão é ambos: luta contra o pecado e o diabo, e cultiva os frutos do Espírito.

John Bunyan entendeu isso como poucos. Ele mesmo lutou terrivelmente com tentações, dúvidas e acusações do inimigo. Sua autobiografia, *Grace Abounding to the Chief of Sinners*, é um dos relatos mais honestos de batalha espiritual já escritos. Mas o título diz tudo: a graça foi maior. A graça sempre é maior.

É por isso que Bunyan pôde escrever *O Peregrino*: a história de um homem que parte da Cidade da Destruição em direção à Cidade Celestial. No caminho, enfrenta o Pântano do Desânimo, o Vale da Sombra da Morte, a Feira das Vaidades, o Gigante Desespero. Cada obstáculo é uma imagem da batalha espiritual real. Mas Cristão não para. Avança. Cai e levanta. Erra o caminho e é redirecionado. Enfrenta inimigos terríveis e é guardado. E no final, ele chega. Cruza o rio da morte e entra pela porta da Cidade Celestial, onde é recebido com trombetas e cânticos.

Esse é o destino de todo verdadeiro soldado de Cristo. Não a derrota. Não o abandono. Mas a glória.

PARA QUEM ESTE CAPÍTULO ESTÁ FALANDO

Se você ainda não entrou na guerra, toda pessoa que se converteu já foi alistada. A questão não é se você quer combater, mas se você vai combater com as armas certas ou vai ser derrubado desarmado.

Se você está lutando sem saber contra quem, o inimigo não é a sua família, seu chefe, sua situação financeira, sua saúde. Esses são os instrumentos. O inimigo é espiritual. E a batalha precisa ser travada espiritualmente.

Se você está cansado da guerra, Ambrose escreveu que as incontáveis milhões de soldados de Cristo, que agora chegaram seguros à glória, cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro, estiveram uma vez aqui embaixo, lutando com todos os inimigos e dificuldades que vocês agora têm de enfrentar.⁵ Outros já passaram por isso. Chegaram seguros. Você também chegará.

Se você ainda não é soldado do Rei, então você está do lado do inimigo sem ter escolhido conscientemente. E o inimigo que você serve já foi condenado. Sua derrota é certa. Mas a porta ainda está aberta para que você mude de lado. Cristo ainda recebe. E o exército que luta sob seu comando nunca perde um soldado que realmente pertence a ele.

A urgência que não pode esperar

Isaac Ambrose disse: apenas guerreie uma boa guerra, e esteja certo de que aquele que os levou seguros através da guerra, levará também vocês aos triunfos do mundo vindouro.¹⁰

Os triunfos do mundo vindouro. Que perspectiva! A batalha é real. O inimigo é astuto. As feridas são dolorosas. Mas o Capitão é invencível. A vitória é garantida. E no final, quando a última batalha for lutada e a última tentação resistida, ouviremos as palavras que todo soldado de Cristo anela ouvir: "Bem está, servo bom e fiel. Entra no gozo do teu senhor" (Mateus 25.21).

☞ *Soli Deo Gloria* ☞

NOTAS

1. AMBROSE, Isaac. *The Christian Warrior*. London: R. B. Seeley and W. Burnside, 1837, p. 10.
2. AMBROSE, 1837, p. 10–12.
3. PERKINS, William. *The Combat Between Christ and the Devil Displayed*. London: Melchizedek Bradwood, 1606, p. 18.
4. WHITEFIELD, George. *The Works of George Whitefield*, Vol. 3. London: Edward and Charles Dilly, 1771, p. 63.
5. AMBROSE, 1837, p. 14.
6. AMBROSE, 1837, p. 15.

CAPÍTULO IV

A Guerra Já Foi Vencida

"Graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo."

2 Coríntios 2.14



Um amigo recolheu roupas e utensílios de alguém que havia abandonado o espiritismo. A decisão havia sido real, o arrependimento havia sido genuíno, e os objetos precisavam ser destruídos. Ele e uma irmã foram ao quintal e tentaram queimar tudo. Riscaram o fósforo. Nada. Riscaram de novo. Nada. Tentaram com papel, com mais combustível, com diferentes ângulos. O fogo simplesmente não pegava.

Depois de insistirem por um tempo sem êxito, pararam. Oraram. Repreenderam o impedimento no nome de Cristo. Riscaram o fósforo.

Tudo se incendiou imediatamente.

Não foi coincidência. Não foi o vento que mudou. Foi a autoridade de Cristo sendo exercida por dois crentes que

finalmente pararam de depender dos seus próprios recursos e se lembraram em nome de quem estavam agindo.

Esse episódio simples contém uma das verdades mais práticas deste livro inteiro: a vitória de Cristo é real. Mas ela precisa ser exercida. Reivindicada. Vivida. E quando é, o inimigo recua.

O que significa viver a partir da vitória

Nos três capítulos anteriores estabelecemos o fundamento: Cristo venceu na cruz, Satanás é um inimigo derrotado e limitado, e todo cristão é um soldado alistado no exército do Rei vitorioso.

Mas fundamentos existem para sustentar uma construção. E a construção que precisa erguer-se sobre esse fundamento é a sua vida cotidiana.

Não a sua vida nos cultos. Não a sua vida nas conversas espirituais com outros cristãos. A sua vida na segunda-feira de manhã, quando a tentação bate antes do café. Na quarta-feira à tarde, quando o cansaço faz a oração parecer inútil. No sábado à noite, quando a solidão sussurra que Deus está distante. No exato momento em que o inimigo ataca, usando o método mais sofisticado que tem: a sua própria fraqueza.

Viver a partir da vitória não é um estado emocional de entusiasmo permanente. Não é acordar todo dia sentindo que está ganhando. É uma postura do coração que, independentemente do que os sentidos relatam, ancora-se na realidade do que Cristo fez e age a partir daí.

Paulo capturou isso com uma frase que deveria ser memorizada por todo crente: "Graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo" (2 Coríntios 2.14). Note a palavra "sempre". Não às vezes. Não quando estamos fortes. Não quando tudo corre bem. Sempre. O triunfo não depende das circunstâncias. Depende de quem nos faz triunfar.

O que impede o cristão de viver essa vitória

Aqui chegamos ao ponto mais honesto deste capítulo. E é um ponto que incomoda.

Se Cristo já venceu, se o triunfo é garantido, se o inimigo está numa coleira, por que tantos cristãos vivem como derrotados? Por que há crentes com anos de fé que continuam sendo dominados pelos mesmos pecados, pelas mesmas tentações, pelos mesmos medos?

A resposta não está no poder do inimigo. Está na postura do crente.

Existem três razões principais pelas quais os cristãos não vivem a vitória que Cristo conquistou.

A primeira é a ignorância. Eles simplesmente não sabem o que Cristo conquistou. Não sabem que Satanás foi despojado de autoridade na cruz. Não sabem que têm um Advogado que intercede por eles. Não sabem que o nome de Jesus tem poder real sobre o inimigo. Lutam como quem não sabe que o reforço já chegou.

A segunda é a incredulidade prática. Eles sabem a doutrina, mas não a vivem. Confessam a soberania de Deus no culto e vivem como órfãos na segunda-feira. Conhecem os versículos sobre a vitória de Cristo e entram em pânico quando a tentação aparece. Há uma distância entre o que professam e o que praticam, e nessa distância o inimigo opera com liberdade.

A terceira é a omissão. Eles sabem da vitória, creem nela, mas não a exercem. Não oram. Não resistem. Não repreendem. Ficam passivos diante do ataque, esperando que Deus faça tudo enquanto eles observam. Como se o fato de Cristo ter vencido significasse que eles não precisam fazer nada.

O episódio da história com que este capítulo começou ilumina exatamente esse terceiro ponto. A vitória estava disponível desde o início. Cristo já havia vencido. Mas a vitória precisava ser exercida, com oração, com autoridade, com fé que age. Quando ela foi exercida, o resultado foi imediato.

Como o inimigo usa a passividade

Thomas Brooks identificou algo que todo cristão deveria saber: Satanás prefere o crente passivo ao crente ativo. Um crente que sabe da vitória de Cristo mas não a exerce é, do ponto de vista prático, tão vulnerável quanto um crente que não sabe nada.¹

A passividade espiritual tem muitas formas. Tem a forma do cristão que nunca ora com autoridade, que pede tímido como quem não sabe se será atendido. Tem a forma de quem nunca resiste a uma tentação com a Palavra, que cede na primeira pressão porque não treinou a resistência. Tem a forma de quem vive com portas abertas ao inimigo, objetos, conteúdos, relacionamentos que são canais de influência maligna, e nunca os fecha porque nunca os nomeou pelo que são.

Whitefield entendeu isso na prática. Depois de ser jogado numa cova de cal por uma multidão furiosa, ao invés de recuar, pregou aos perseguidores no caminho, orou com os presentes e escreveu: quanto mais Satanás me manda calar, mais ardentemente proclamarei o que Cristo fez.² Whitefield não era passivo. Era ativo na direção certa: não na direção do inimigo, mas na direção de Cristo.

A autoridade que Cristo delegou

Quando Jesus enviou os setenta e dois discípulos, eles voltaram com alegria, dizendo: "Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!" (Lucas 10.17). E Jesus respondeu: "Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago. Eis que vos dei autoridade para pisar sobre serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo" (Lucas 10.18–19).

Perceba a estrutura. Cristo tinha autoridade absoluta sobre o inimigo. E ele delegou essa autoridade aos seus. Não a alguns eleitos especiais. Não apenas aos apóstolos. Aos setenta e dois discípulos comuns que ele havia enviado, a você e a mim que estamos em Cristo.

Isaac Ambrose articula isso com precisão: o cristão que luta em seu próprio nome e força está perdido antes de começar. Mas o cristão que luta no nome e pela força do Capitão que já venceu está lutando com poder que não é seu, mas que lhe foi legitimamente conferido.³

Isso explica o que aconteceu no quintal. Dois crentes não estavam tentando queimar objetos pela sua própria força. Estavam exercendo autoridade que não era deles, em nome de quem tem toda autoridade no céu e na terra. E o resultado foi proporcional não ao tamanho deles, mas ao tamanho de quem os mandou.

Exercendo a vitória no cotidiano

Mas como isso funciona na prática, fora de situações dramáticas? Como se vive a vitória de Cristo numa quarta-feira comum, sem objetos ocultistas para queimar e sem multidões para enfrentar?

Whitefield, que pregou para dezenas de milhares mas também escreveu cartas íntimas sobre a vida espiritual cotidiana, observou: nossas almas definharão, a menos que renovemos nossos atos de fé e nos lancemos, como pecadores perdidos e arruinados, continuamente aos pés de Cristo. Alimentar-se das experiências passadas não satisfaz a alma, assim como o que comemos ontem não sustenta nosso corpo hoje. Não, os crentes devem buscar influências frescas da graça divina.⁴

A vitória não é um capital que se acumula e depois se gasta. É uma fonte que precisa ser acessada todos os dias.

O primeiro passo é começar o dia com a realidade estabelecida. Antes de verificar o telefone, antes de se lembrar da agenda, fixar no coração a verdade fundamental: hoje luto sob o comando do Capitão que já ganhou esta guerra. O inimigo que vai tentar me derrubar hoje foi derrotado na cruz. Não começo o dia em desvantagem. Começo a partir da vitória.

O segundo passo é resistir com autoridade, não com força própria. Quando a tentação vier, e virá, a resposta não é apertar os dentes e tentar ser forte. É voltar ao fundamento: esta tentação está sob o governo de Deus. Cristo já a venceu antes que eu precisasse vencê-la. E então resistir com a Palavra, como Cristo resistiu no deserto. "Está escrito."

O terceiro passo é exercer a autoridade delegada. Não aguardar passivamente que o inimigo pare de atacar. Resistir ativamente. Orar com autoridade. Fechar portas que estão abertas. Repreender o que precisa ser repreendido. Não com arrogância, mas com a confiança serena de quem sabe em nome de quem está agindo.

A vitória de Cristo não se aplica automaticamente à sua vida. Ela precisa ser recebida por fé, exercida com autoridade, mantida com vigilância e renovada com oração diária. O soldado que sabe que a guerra foi vencida mas não se levanta para lutar continua vivendo derrotado, não porque Cristo falhou, mas porque ele mesmo se recusou a entrar no campo.

Perkins escreveu que a vida de Cristo foi uma guerra sobre a terra, e a vida dos cristãos deve ser uma guerra sobre a terra.⁵ Não uma guerra para ver se vai vencer. Uma guerra que já tem o resultado garantido. Mas uma guerra real, exigindo soldados reais, que se levantam todos os dias e lutam.

PARA QUEM ESTE CAPÍTULO ESTÁ FALANDO

Se você conhece a vitória de Cristo mas não a exerce, o conhecimento sem ação é inútil na batalha. Hoje, neste dia, pratique um ato de fé ativa. Ore com autoridade. Resista com a Palavra. Feche uma porta que deveria estar fechada. Comece pequeno. Mas comece.

Se você tem vivido passivo espiritualmente, a passividade não é paz. É território cedido. O inimigo agradece quando você para de lutar. Levante-se. A armadura está disponível. O Capitão está no leme.

Se você está cansado de lutar, Whitefield escreveu que nosso Senhor lutará todas as suas batalhas e o fará mais que vencedor através do seu amor.⁶ Você não precisa vencer na sua força. Você precisa lutar na força dele. Há uma diferença enorme entre os dois.

NOTAS

1. BROOKS, Thomas. *Precious Remedies Against Satan's Devices*. London: s.n., 1652, p. 6.
2. WHITEFIELD, George. *The Works of George Whitefield*, Vol. 3. London: Edward and Charles Dilly, 1771, p. 63.
3. AMBROSE, Isaac. *The Christian Warrior*. London: R. B. Seeley and W. Burnside, 1837, p. 8.
4. WHITEFIELD, George. *The Works of George Whitefield*, Vol. 2. London: Edward and Charles Dilly, 1771, p. 77.
5. PERKINS, William. *The Combat Between Christ and the Devil Displayed*. London: Melchizedek Bradwood, 1606, p. 13.
6. WHITEFIELD, Vol. 2, p. 81.

CONCLUSÃO

O Soldado que Sabe em Quem Confia



Chegamos ao fim deste primeiro volume. Mas não ao fim da batalha.

Percorremos juntos o fundamento sobre o qual toda luta espiritual precisa ser travada. Vimos que Cristo já venceu na cruz, que a sentença contra o inimigo já foi pronunciada, que a ressurreição selou o veredito para sempre. Vimos que Satanás é um inimigo real, furioso e experiente, mas que opera numa coleira, subordinado à soberania do Deus que governa até os seus ataques para o bem dos seus filhos. E vimos que todo cristão é um soldado alistado no momento da conversão, que luta não para alcançar a vitória, mas a partir da vitória já conquistada pelo seu Capitão.

Mas fundamento não é edificação. Você pode saber tudo isso e ainda assim viver como se não soubesse. Você pode memorizar cada versículo citado nestas páginas e na segunda-feira travar as mesmas batalhas com os mesmos resultados de sempre. Porque a diferença entre o soldado que vence e o que perde não está no

quanto ele sabe sobre a vitória. Está em quão profundamente ele confia no Capitão que a conquistou.

O segredo de Whitefield

George Whitefield pregou ao ar livre para multidões de cinquenta mil pessoas. Foi expulso de igrejas, apedrejado em campos, ridicularizado por jornais. Sofreu ataques físicos, oposição eclesiástica e conflitos espirituais que poucos de nós chegamos perto de experimentar.

E no centro de tudo isso, repetia uma frase simples que se tornou o fundamento inabalável de toda a sua vida: *mas Jesus Cristo orou por mim.*

Não: eu sou forte o suficiente. Não: eu tenho fé suficiente. Não: eu conheço a doutrina correta. Mas: Jesus Cristo orou por mim. A vitória não dependia de Whitefield. Dependia de quem estava intercedendo por ele.

Essa é a grande libertação do guerreiro cristão. Você não precisa ser invencível. Você precisa pertencer ao invencível. Você não precisa ter uma fé à prova de tempestade. Você precisa confiar no que sustenta a sua fé nas tempestades. Você não precisa nunca cair. Você precisa conhecer Aquele que o levanta cada vez que você cai.

Para onde vamos a partir daqui

Este volume estabeleceu o fundamento. Os volumes que se seguem constroem sobre ele.

No Volume II, estudaremos o inimigo com a seriedade que ele merece: não para temê-lo, mas para não ignorá-lo. Conhecer o adversário não é obsessão. É sabedoria militar. Nenhum general envia tropas sem estudar o terreno e o inimigo.

No Volume III, mapearemos o campo de batalha mais decisivo de todos: a mente e o coração. A maior parte das derrotas espirituais começa dentro, não fora. Antes que o inimigo derrube o cristão, ele primeiro instala um padrão de pensamento que o faz derrubar a si mesmo.

No Volume IV, examinaremos peça por peça a armadura que Deus disponibilizou para cada crente. Não como metáforas religiosas vazias, mas como proteções reais para batalhas reais.

E no Volume V, responderemos a pergunta que emerge naturalmente de tudo isso: como o soldado que aprendeu tudo isso se mantém de pé ao longo do tempo? Como ele persevera quando o entusiasmo inicial passa, quando as estações de seca chegam, quando a luta parece interminável?

Mas antes de seguir em frente, pare aqui.

Feche este livro por um momento. E faça uma pergunta simples: de onde estou lutando? Estou lutando como quem não sabe se vai vencer? Ou estou lutando como quem sabe que a guerra já foi vencida, não por mim, mas pelo Capitão que nunca perdeu um soldado que verdadeiramente lhe pertenceu?

A resposta a essa pergunta muda tudo.

Uma última palavra

Isaac Ambrose escreveu algo que quero deixar ecoando no seu coração quando você fechar estas páginas:

Apenas guerreie uma boa guerra, e esteja certo de que aquele que os levou seguros através da guerra, levará também vocês aos triunfos do mundo vindouro.

Os triunfos do mundo vindouro. Não apenas a sobrevivência. Não apenas a chegada. Os triunfos. A glória que aguarda aquele que lutou bem, que confiou até o fim, que não soltou a mão do Capitão quando as ondas vieram.

Você chegará lá.

Não porque você é forte o suficiente.

Mas porque Ele é.

✠ *Soli Deo Gloria* ✠



Continue a jornada na Série Ele Venceu

*Os Volumes II a V aprofundam o estudo do inimigo,
da mente, da armadura de Deus e da perseverança
do soldado cristão.*

palavranamesa.com

EDITORA CAMINHO ANTIGO